

Uma bicicleta na tempestade

- “– Vai para casa de bicicleta?
– Vou, perdi o autocarro.
– Eu levo-a.
– Não (...) não merece a pena! (...)
– Sim, sim, com este tempo é perigoso. Além disso também vou para lá e levo-a a casa.”

A minha noite em casa de Maud, em seis contos morais

Eric Rohmer

- Você é persistente, Eric!
– E você tão bela, Maud!
– Está a tentar fazer-se a mim? Pensei que gostasse de bicicletas...
– Gosto muito de quem as conduz. O objecto em si é-me indiferente.
– Estou a ver..., vou aceitar seguir consigo em frente.
Andaram sem falar alguns momentos esticados ao limite da incompreensão até que o aborrecimento se tornou entediante.
– A rádio anunciou uma tempestade violenta para o fim da tarde.
– Isso é pouco importante, Eric. Aprecio o mau tempo, a raiva incontrolável da Natureza.
– Eu gosto da promiscuidade humana.
– Está a insinuar que eu sou promíscua?
– Não. A sua bicicleta é promíscua.
– Soa-me a sexo fora do casamento, Eric. – Sorriu.

– Isso é um acto natural. Toda a gente o faz. A bicicleta é errante, não pratica esses prazeres.

– Eu não!

– Pois! Não é casada!

– Parvo!

– Lógico, prefiro, se não se importa, Maud.

– Não passa de um galã fora de moda. Porque pinta o cabelo?

– Não pinto o cabelo e não sou um galã, nem por sombras.

– Parece-me que se está a esquivar.

– Ideia errada a sua. Eu não me esquivo, não divago, não imagino coisas.

– Mente! Há pouco chamou a minha bicicleta de promíscua!

– Eu não gosto de mentir, mas gosto de ver as pessoas mentirem. Por tudo e por quase nada! A sua bicicleta é sem dúvida promíscua!

– Hmm!... Já começou a pingar.

– Curiosa a chuva que começa leve. Reparou como o vento sopra mais morno, Maud?

– Abriguemo-nos debaixo daquele choupo! Rápido, não seja lesto!

– Com certeza, Maud! Como o seu nome é belo!...

– Não tão belo como o meu discreto decote que você ainda não parou de olhar na nossa curta viagem.

– Não é o seu decote. Veja como engrossou a chuva! Não lhe disse que vinha aí uma tempestade?

– Esquive-se, esquive-se! De qualquer forma, não acho repugnante um homem olhar para os seios de uma senhora. É natural, como a tempestade que aí vem. E os meus são bem bonitos!

– Está a ver como é perspicaz? Eu sabia que este nosso passeio havia de dar frutos.

– Não será com certeza sob este choupo. Não dá frutos comestíveis, sabia?

– Como enegreceu o céu e no entanto perto de si sinto-me cintilante como o sol.

– Você dava um poeta falhado, Eric. Daqueles de caixão sem cova!

– Ironia ou sarcasmo?

– As duas coisas sabem-me melhor do que um Martini.

– Vamos ficar aqui até quando, Maud?

– Até abrandar a chuva. Um pouco além há uma paragem de camionetas onde também nos podemos abrigar.

– Por si ficava aqui ao relento sob a pesada chuva.

– Parvo! Depois de que me serviria um homem a morrer de pneumonia?

– Morreria de louco amor, Maud. E pela sua bicicleta também.

– Lá está outra vez a tentar humanizar o meu velocípede.

Parou a chuva, ou melhor alentou a sua ira sobre a Terra. Apresadadamente correram para o próximo abrigo. Eric levava a bicicleta não se preocupando com a lama que cobria a estrada e lhe salpicava as calças de fazenda negra. Maud, mais cautelosa, dava curtos pinchos evitando as poças, como se fosse um beija-flor sem asas.

Chegaram à pequena paragem e sentaram-se no estreito banco de pedra. Eric arfava, Maud suspirava. Logo a chuva voltou a cair copiosamente.

– Acho que vamos passar aqui a noite. Será a primeira vez para mim desde que habito nesta vila.

– Nem pense! Nunca passaria um dia de Primavera consigo ao relento! Que rebente a bicicleta!

– Não blasfeme contra a sua duas-rodas! Olhe que ela fica sentida, Maud.

– Oh!

Anoiteceu. Relampejava.

– Parece que vamos mesmo ficar aqui. Tem alguém em casa à sua espera, Eric?

– Só uma mulher que outrora pensei amar.

– Ainda bem...